

## **Mais além do virtual: a escolha profissional de adolescentes que vivem à margem da cultura digital**

Vanina Costa Dias  
Nádia Laguardia de Lima

A tecnologia virtual, produto da cultura digital, cresce a cada dia, à luz do desenvolvimento tecnológico e de outros conhecimentos que se constituem como parte de nossas vidas, mas que não são de todo novas. Como já assinalava Deleuze e Parnet (1977, p. 126-127), “a máquina é sempre social, antes de ser técnica. Há sempre uma máquina social que seleciona ou atribui os elementos técnicos utilizados”. O que tratamos como digital não se refere apenas aos efeitos e possibilidades de uma determinada tecnologia. Ela define e abrange as formas de pensar e de fazer que sejam incorporadas dentro dessa tecnologia, e que tornam possíveis o seu desenvolvimento.

A cultura digital ou cibercultura, para além do que diz Levy (1999), é uma complexa realidade que inclui artefatos, produtos, comportamentos individuais ou coletivos, conceitos e ideologias que surgiram diretamente da implementação das novas tecnologias de informação (Tápias, 2003). Ela interfere em todos os

setores da vida humana, com incidências notáveis nos campos social, político e econômico. A apropriação da cultura digital passa a ser fundamental, uma vez que ela já indica intrinsecamente um processo crescente de reorganização das relações sociais mediadas pelas tecnologias digitais, afetando, em maior ou menor escala, todos os aspectos da ação humana, e, portanto, nas subjetividades. Podemos também tomar emprestado de Agamben (2009) seu conceito de dispositivo, ou seja, “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (p. 40) para falar das tecnologias digitais e virtuais que vêm permeando nosso modo de vida contemporâneo. Estes dispositivos estão principalmente fazendo parte e influenciando os modos de vida da população mais jovem. Essas novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) conferem à criança e ao adolescente um lugar onde a sua afirmação subjetiva e social pode se efetivar de modo distinto do que aquele que era observado nas gerações anteriores. Nos blogs, nos sites, nos programas de comunicação online, nos jogos e nas redes sociais, as crianças e os adolescentes, além de reinventarem a língua, criam novas formas de expressão, comunicação e de laço com o outro.

A participação em comunidades virtuais é comum entre adolescentes de todo o mundo. Além de possibilitar a comunicação entre eles, o ciberespaço cria uma teia de relações que permite o compartilhamento de emoções e experiências de aprendizagens. Esses dispositivos possibilitam aos adolescentes articularem-se, desenvolverem reflexões, que geram mudanças de percepção sobre o cotidiano e sobre as diversas possibilidades aquisição de conhecimento desses adolescentes.

Como também nos explica Castells (2009), as novas tecnologias se apresentam como um novo modo de gerir fluxos comunicacionais, ampliá-los e difundi-los. A ‘tecnologização da vida’ está cada vez mais se colocando como uma forma de sociabilidade, de participação e de inserção principalmente na vida de adolescentes e jovens.

Segundo Castells (2009), a adaptabilidade das redes à dissolução dos antigos conceitos de tempo e espaço parece ser sua mola motriz:

A morfologia da rede parece estar bem adaptada à crescente complexidade de interação e aos modelos imprevisíveis do desenvolvimento derivado do poder criativo dessa interação (...). Essa lógica de redes, contudo é necessária para estruturar o não estruturado, porém preservando a flexibilidade, pois o não estruturado é força motriz da inovação na atividade humana (CASTELLS, 2009, p.108).

A partir dessa concepção, pode-se dizer que existir e estar incluído socialmente aparecem como sinônimos de acessar informações, que são produzidas em um ritmo frenético e essas influenciam diretamente no processo de constituição subjetiva desses sujeitos conectando-os aos processos grupais.

Contudo, nem todos estes adolescentes estão inseridos nessa realidade virtual. Um documento apresentado pela UNICEF em 2017 revela que - cerca de um terço dos jovens no mundo - 346 milhões - não estão online, agravando as desigualdades e reduzindo a capacidade de participação desses sujeitos numa economia cada vez mais digital. Esse relatório analisa também a forma como a internet torna os jovens mais vulneráveis a riscos e perigos, incluindo o uso indevido das suas informações pessoais, o acesso a conteúdos prejudiciais e o cyberbullying. O relatório explora os benefícios que a tecnologia digital pode oferecer aos jovens mais desfavorecidos, incluindo os que crescem em situação de pobreza ou são afetados por emergências humanitárias. Estes benefícios incluem aumentar o acesso destes jovens à informação, desenvolver competências necessárias ao mercado de trabalho digital e proporcionar-lhes uma plataforma para se conectarem e comunicarem as suas opiniões.

Em nossas investigações anteriores (DIAS, 2016), percebemos que em determinados países, como a Inglaterra, Espanha, Portugal, Estados Unidos, dentre outros, a exclusão digital é um problema que pode ser atacado de forma separada do contexto social. No Brasil, por outro lado, diante das desigualdades sociais, as estratégias para a inclusão digital devem estar relacionadas com outras características que tratam também a exclusão social.

Segundo Bradbrook e Fisher (2004), alguns aspectos importantes devem ser levados em conta para que esse problema seja solucionado, tais como: a conexão que se refere ao modo como as pessoas têm acesso aos dispositivos de

tecnologia da informação e à Internet; a capacidade, ou seja, as habilidades de uso das TIC's que um indivíduo tem e que podem melhorar sua qualidade de vida e sua empregabilidade; o contexto, observando que mesmo que a conexão e a capacidade sejam completamente acessíveis, não há sentido em um acesso ilimitado se não houver um contexto relevante e influenciável; a confiança e a motivação que são fatores chaves para que as políticas possam se dirigir às pessoas que falharam ao tentar descobrir qualquer razão pessoal para utilizar a tecnologia; a continuidade que diz respeito a como fazer com que as pessoas que já tiveram algum contato com a tecnologia da informação continuem e, finalmente, a partir de todos os aspectos, melhorar e utilizar de forma assertiva os conhecimentos adquiridos.

Também percebemos que, quando se faz um balanço de pesquisas produzidas nas últimas décadas sobre a relação do adolescente com a tecnologia virtual, muitos desses estudos se concentram na preocupação acerca das oportunidades e dos riscos presentes nesse encontro. Constata-se que quanto mais oportunidades surgem para o uso das tecnologias, maior é também a exposição aos riscos presentes nesse uso. Contudo, conforme afirma Livingstone (2015), são os usuários mais experientes e engajados há mais tempo que demonstram mais habilidades para minimizar os efeitos negativos de situações vivenciadas on-line.

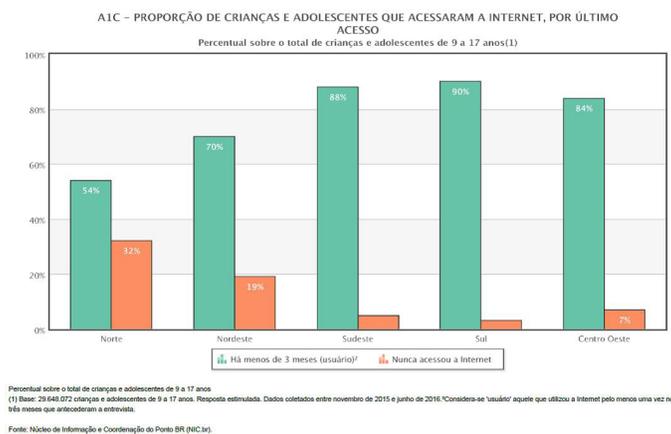
Mesmo percebendo o intenso crescimento e penetração das TIC em todos os grupos sociais, observa-se a existência de um fosso digital que permanece grande devido à heterogeneidade de usos realizados por grupos socioeconômicos distintos. Como nos explica Mancinelli (2007): “não há um fosso digital, mas múltiplos fossos, os quais estão relacionados a uma variedade de fatores tais como: gênero; idade; agrupamentos étnicos; incertezas de vida e condições financeiras; bem como insegurança social e no trabalho” (p. 2).

Da mesma forma, Livingstone e Helsper (2008) explicam que as barreiras para a inclusão digital são graduais e estão fortemente associadas aos processos de exclusão no seio da sociedade, mostrando que os indivíduos que possuem maior acesso às TIC tendem a possuir maior escolaridade, maior renda e status profissional do que aqueles que não possuem acesso.

Pierre Lévy (1999) considera que as tecnologias digitais e o espaço virtual não representam um modo de exclusão social, mas a quantidade e a velocidade da informação que estas tecnologias processam podem levar a uma marginalização do seu ótimo e eficaz uso. Ele acredita que as tecnologias e a economia não são, contudo, os principais fatores de exclusão:

Acesso para todos sim! Mas não se deve entender por isso um acesso ao equipamento, a simples conexão técnica que, em pouco tempo, estará de toda forma muito barata (...). Devemos antes entender um acesso de todos aos processos de inteligência coletiva, quer dizer, ao ciberespaço como sistema aberto de auto-cartografia dinâmica do real, de expressão das singularidades, de elaboração dos problemas, de confecção do laço social pela aprendizagem recíproca, e de livre navegação nos saberes. A perspectiva aqui traçada não incita de forma alguma a deixar o território para perder-se no 'virtual', nem a que um deles 'imite' o outro, mas antes a utilizar o virtual para habitar ainda melhor o território, para tornar-se seu cidadão por inteiro (LÉVY, 1999, p.196)

No Brasil, país de dimensões continentais e de grande diversidade social, cultural e econômica, o uso das tecnologias digitais também é marcado por essa dessemelhança. Observando as diversas regiões brasileiras, podemos ver de que forma a realidade brasileira é dispare nesse aspecto<sup>1</sup>.



1 Gráfico gerado a partir da pesquisa desenvolvida pelo CETIC.br no período de 2015-2016. Fonte: [http://data.cetic.br/cetic/explore?idPesquisa=TIC\\_KIDS](http://data.cetic.br/cetic/explore?idPesquisa=TIC_KIDS)

Como se vê, mesmo que em todas as regiões o percentual de usuários se sobressaia, há sempre um percentual, que vai desde 3 % na região sul à 32% na região norte, de adolescentes que nunca tiveram acesso à rede de computadores.

Tomamos como hipótese para essa investigação a afirmação de que os adolescentes que ainda não tiveram a oportunidade de se beneficiarem desses recursos tecnológicos, aproximando-se dos diferentes grupos sociais, não tem as mesmas oportunidades profissionais que aqueles que têm amplo acesso aos dispositivos tecnológicos.

Diante dessa hipótese, o delineamento inicial da pesquisa se deu a partir do recorte de seleção dos dados no módulo temático 'indivíduos que já acessaram a internet' da Pesquisa TIC Kids online, tendo como referência a área, a região, a faixa etária de 9 a 17 anos e a classe social. A tabela abaixo apresenta uma síntese dessas variáveis:

CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE JÁ ACESSARAM A INTERNET, POR ÚLTIMO ACESSO*				
Total de crianças e adolescentes de 9 a 17 anos				
Percentual (%)		Há menos de três meses (usuário) <sup>1</sup>	Mais de três meses atrás	Nunca acessou a Internet
TOTAL		85	7	8
ÁREA	Urbana	90	6	4
	Rural	63	12	25
REGIÃO	Sudeste	93	4	3
	Nordeste	77	9	14
	Sul	92	6	2
	Norte	68	14	18
	Centro-Oeste	93	4	3
FAIXA ETÁRIA DA CRIANÇA OU DO ADOLESCENTE	De 9 a 10 anos	74	11	15
	De 11 a 12 anos	82	7	11
	De 13 a 14 anos	87	6	7
	De 15 a 17 anos	93	5	2

CLASSE SOCIAL	AB	98	1	1
	C	93	5	1
	DE	70	12	18

Fonte: CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), Pesquisa sobre o Uso da Internet por Crianças e Adolescentes no Brasil - TIC Kids Online Brasil 2017. \*Considera-se 'usuário' aquele que utilizou a Internet pelo menos uma vez nos três meses que antecederam a entrevista.

Os dados aqui selecionados mostram que, se levarmos em conta as áreas urbanas e rurais, teremos as seguintes informações: enquanto na área urbana há 90% de adolescentes entre 9 e 17 anos que acessam a internet, nessa mesma área 4% nunca tiveram acesso à rede de computadores. Já na área rural, esses números mostram outra configuração: nessa área há 63% de usuários e 25% de adolescentes que nunca acessaram a internet.

Observando as regiões brasileiras, norte e nordeste aparecem como aquelas regiões onde os adolescentes menos acessam a internet. E finalmente, olhando para os dados que remetem à classe social, os números da pesquisa realizada pelo CETIC.br nos mostram que enquanto 99% de adolescentes das classes mais altas acessam a internet, entre os de classes menos favorecidas 28% não têm acesso a essa tecnologia.

Diante desses dados, coloco a seguinte reflexão: estar excluído do acesso às tecnologias como a Internet, dada a sua centralidade em todos os aspectos da vida atual, revela uma importante desigualdade social. A Internet tem hoje um papel fundamental na vida das pessoas, quer utilizem ou não a tecnologia. As consequências de não fazer parte da sociedade em rede afetam não só a inclusão econômica, como todos os outros aspectos da vida humana, desde a educação, a cultura, o lazer, a informação, as relações sociais, dentre outros.

Nesse sentido, podemos questionar:

- Como os adolescentes - que fazem parte dessa minoria de pessoas que nunca acessou a internet - poderão ter acesso a oportunidades acadêmicas, sociais e econômicas da mesma forma que aqueles que estão conectados diariamente em busca de contatos e informações?

- Tomando o adolescente como um sujeito social em constante desenvolvimento, interpelado e transformado nas trocas com a cultura e com a sociedade cada vez mais digitalizada e virtualizada, interrogamos de que forma essa nova realidade poderá afetar a sua trajetória de vida? E como esses adolescentes, marcados pela desigualdade social e econômica, e, além disso, privados dos acessos às TIC's, estão fazendo as suas escolhas profissionais?

Essas questões nos remetem ao texto de Benjamin, que explica a substituição da experiência pela informação na modernidade:

Cada manhã nos ensina sobre as atualidades do globo terrestre. E, no entanto, somos pobres em histórias notáveis. Como se dá isso? Isso se dá por que mais nenhum evento nos chega sem estar impregnado de explicações. Em outras palavras: quase nada mais do que acontece beneficia o relato; quase tudo beneficia a informação. (BENJAMIN, 1987, p. 276)

Estando às margens desse mundo globalizado, no qual as informações chegam através das ondas da tecnologia virtual, esses adolescentes continuam fazendo parte de uma cultura em que as informações e o saber-fazer são transmitidos presencialmente, veiculando valores e experiências geracionais. Para Benjamin (1987), a modernidade rompeu com a transmissão da experiência, sendo substituída pela vivência.

Em nossos dias, a presença das tecnologias virtuais tem promovido mudanças de forma muito mais acelerada, transformando radicalmente a realidade social e cultural dessa geração. A escolha de uma profissão, que se dá geralmente na adolescência, e a inserção no mundo do trabalho, que também ocorre nessa fase da vida para aqueles que pertencem a um grupo social menos favorecido; se pautam, sobretudo, pela escolha de um estilo de vida e um modo de viver, e são balizados pela experiência e pela conexão com o grupo social de origem. Podemos dizer que essa escolha tem também sua ancoragem no saber-fazer que vai se constituindo a partir da experiência de cada sujeito em seu meio social e geracional.

Para Benjamin, a experiência é a “matéria da tradição, tanto na vida privada quanto na coletiva” (1994, p.105). A tradição, que é o espaço-tempo de um tipo

de saber que é próprio, que está para além do racional e é contextualizada pelo modo de vida, contempla um conjunto de representações significativas que se apropriam do fazer e do saber de determinados grupos sociais, determinando um modo de estar, um modo dos sujeitos se relacionarem uns com os outros e com o mundo. A experiência revelaria, então, uma relação com um saber que vem de longe e que, como afirma o próprio Benjamin (1999), tanto poderia ser de um “longe espacial das terras estranhas” quanto um “longe temporal contido na tradição” (p.202).

As escolhas profissionais que ocorrem na adolescência são, portanto, marcadas pelas experiências pelas quais o sujeito passa até esse momento da vida. São escolhas atravessadas por influências do meio familiar e da sociedade, bem como pelas possibilidades sociais e econômicas provenientes do seu contexto social. Sobre isso, nos fala Alberti:

Não há escolha que prescindia de indicativos, direções e determinantes que lhe são anteriores. O sujeito os recebe ao longo de sua infância, dos seus pais, educadores, colegas, meios de comunicação, enfim, do mundo a sua volta, através do que lhe é transmitido pela linguagem falada, escrita, visual, comunicativa ou ainda pelo silêncio. E pode continuar recebendo esses mesmos indicativos, direções e determinantes, ao longo de todo processo adolescente, desde que não falte quem lhe possa transmiti-lo. (ALBERTI, 2010, p.10)

A escolha profissional, assim pensada, se sustenta nas ofertas culturais, mesmo levando em conta o próprio desejo. Ela pode estar relacionada a um Ideal, construído a partir dos vínculos do sujeito com o passado e com as referências familiares, bem como com o futuro marcado pela cultura a qual pertence.

Em estudo desenvolvido por Wanderley (2007) sobre a juventude rural no nordeste brasileiro, a autora afirma que a compreensão desses sujeitos pressupõe uma dupla dinâmica social:

Por um lado, uma dinâmica espacial que relaciona a casa (a família), a vizinhança (a comunidade local) e a cidade (o mundo urbano-industrial). Mais do que espaços distintos e superpostos, trata-se essencialmente dos espaços de vida que se entrelaçam e que dão conteúdo à experiência dos

jovens e à sua inserção na sociedade. Por outro lado, nestes espaços a vida cotidiana e as perspectivas para o futuro são imbuídas de uma dupla dinâmica temporal: o passado das tradições familiares – que inspira as práticas e as estratégias do presente e do encaminhamento do futuro; o presente da vida cotidiana – centrado na educação, no trabalho e na sociabilidade local e o futuro que se expressa, especialmente, através das escolhas profissionais, das estratégias matrimoniais e de constituição patrimonial, das práticas de herança e sucessão e das estratégias de migração temporária ou definitiva. As relações sociais se constroem no presente, inspiradas nas tradições familiares e locais – o passado – e orientam as alternativas possíveis ao futuro das gerações jovens e à reprodução do estabelecimento familiar (WANDERLEY, 2007, p.23).

Na atualidade, a escolha profissional e a inserção no mercado de trabalho têm sido afetadas pela cultura digital, que tem como principal característica a desvalorização do processo histórico e das referências passadas, momento em que as manifestações culturais se tornam transitórias e a cultura desterritorializada, presente por inteiro em cada uma de suas versões no ciberespaço, conforme assegura Lévy:

vivemos hoje em uma dessas épocas limítrofes na qual toda a antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social, ainda pouco estabelecidos. Vemos um destes raros momentos em que, a partir de uma nova configuração técnica, quer dizer, de uma nova relação com o cosmo, um novo estilo de humanidade é inventado. (LÉVY, 1995, p.17)

A virtualização introduz uma nova cultura, tornando-a um espaço híbrido, no qual as interações podem se configurar sem a hierarquização dos processos sociais. Entretanto, ainda há um abismo entre os que estão incluídos digitalmente, os que têm acesso aos equipamentos e sabem usá-lo; e os excluídos digitais, os que não têm acesso a esse tipo de tecnologia, ou ainda, se tem, não sabem como usá-la.

Retornando à nossa hipótese inicial, podemos nos perguntar: como esses jovens estão fazendo as suas escolhas profissionais? De que forma a dificuldade ou a inexistência de acesso à internet tem interferido em suas escolhas?

O processo de subjetivação ocorre em determinado contexto social. Mesmo considerando que o sujeito é ativo nesse processo, interpretando e respondendo de forma própria ao que recebe do outro, as condições culturais interferem em seus desejos e em sua escolha profissional de forma mais específica. Assim, faz-se necessário escutar esses jovens, conhecer as suas trajetórias de vida, as experiências construídas através de suas vivências, buscando compreender de que forma a restrição de acesso à internet ou o uso recente desta tem interferido em seus projetos de vida, em sua inserção social e profissional.

Se é a partir da experiência que podemos construir nosso conhecimento sobre determinado objeto e assim dominá-lo, em suas vivências marcadas por um tempo envolto na cultura digital, será a partir dos usos que os adolescentes fazem das TIC's que os mesmos conseguirão desenvolver a capacidade de compreender e dominar a linguagem presente nos equipamentos digitais, fazendo com que a experiência construída nesses usos possam transformar seu lugar na cultura digital.

## Referências:

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2005.

ALBERTI, Sônia. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 1995.

ALBERTI, Sônia. *O adolescente e o Outro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BENJAMIN, W. *Reflexões: A criança, o brinquedo, a educação* (M. V. Mazzari, Trad.). São Paulo: Summus. 1984

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense. 1985

- BENJAMIN, W. *Obras escolhidas II: Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense.1987
- BENJAMIM, W. *A hora das crianças: narrativas radiofônicas*. Rio de Janeiro: Nau Editora. 2015.
- BOYD, Danah. *É complicado: as vidas sociais dos adolescents em rede*. Lisboa/PT: Relógio d'água. 2015.
- BRADBROOK, G., FISHER, J. *Digital Equality Report – Reviewing digital inclusion activity and mapping the way forwards*. Disponível em <http://www.citizenonline.org.uk/publications>. Acesso em 27 fev 2018.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2009.
- DELEUZE, Gilles. O atual e o virtual. In: ALLIEZ, Eric. *Deleuze filosofia virtual*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996 p. 47- 56.
- DIAS, V. C. (2016). *“Morando na Rede”: Novos modos de constituição da subjetividade de adolescentes nas redes sociais*. Curitiba: Editora CRV.
- FONSECA, Tania M.G; NASCIMENTO, Maria Livia; MARASCHIN, Cleci (Org.) *Pesquisar na diferença: um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- FREITAS, Maria V. (Org.) *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. Projeto Ação Educativa, São Paulo, 2005.
- GUATTARI, Felix. Da produção de subjetividade. In PARENTE. André (Org.), *Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Editora 34, p. 177-191, 1998.
- LACAN, Jacques. Prefácio a O Despertar da Primavera. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*. n.19, Jan-Abr. 2002.
- LE BRETON, D. *Uma breve história da adolescência*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas. 2017
- LE BRETON, D. Adolescência e comunicação. Em: LIMA, N.L; STENGEL, M.; NOBRE, M.R.; DIAS, V.C. (Orgs). *Juventude e Cultura Digital - Diálogos interdisciplinares*. Belo Horizonte: Artesã. pp. 15-31. 2017.
- LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 2003.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* . 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34. 1998.

LIMA, Nádía L. *A Escrita virtual na adolescência: uma leitura psicanalítica*. Belo Horizonte: UFMG. 2014.

LIMA, Nádía. L.; STENGEL, Márcia.; NOBRE, Márcio. R; DIAS, Vanina. C. (Orgs). *Juventude e Cultura Digital - Diálogos interdisciplinares*. Belo Horizonte: Artesã, 2017.

LIVINGSTONE, Sonia and HADDON, Leslie. Introduction. In: LIVINGSTONE, Sonia; HADDON, Leslie. (Ed.) *Kids on-line: opportunities and risks for children*. The Policy Press, Bristol, UK, .2009b.

LIVINGSTONE, Sonia, HADDON, Leslie, GÖRZIG, Anke., and ÓLAFSSON, Kjartan. *Risks and safety on the internet: The perspective of European children*. Full Findings. LSE, London: EU Kids Online. 2011b. Disponível em: <<http://eprints.lse.ac.uk/33731>> Acesso em: 09 fev. 2017.

LIVINGSTONE, Sonia. Tomando oportunidades arriscadas na criação de conteúdo jovem: o uso pelos adolescentes de sites de redes sociais para intimidade, privacidade e expressão própria. *Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo. Ano 9, v o l . 9 n.2 5, p. 91-118. Ago. 2012. Disponível em: <[revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/download/313/pdf](http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/download/313/pdf)> . Acesso em: 29 Ago. 2017.

LIVINGSTONE, Sonia. *Young people and media: childhood and the changing media environment*. London: Sage, 2002.

LIVINGSTONE, S.; HELSPER, E. *Gradations in digital inclusion: children, young people and the digital divide*. London: London School of Economics and Political Science, 2008

PAIS, José Machado. Máscaras, Jovens e Escolas do Diabo. *Revista brasileira de educação*, nº 37. Jan-abr p. 7-21. 2008, v. 13.

PONTE, Cristina. *Crianças & mídia: pesquisa internacional e contexto português do século XIX à atualidade*. Lisboa: ICS, 2012a

PONTE, Cristina. Uma geração digital? A influência familiar na experiência mediática de adolescentes In.: *Sociologia, problemas e práticas*, n.º 65, p. 31-50, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.gpearti.mctes.pt/pdf/spp/n65/n65a02.pdf>> Acesso em: 02 Ago. 2015.

PONTE, Cristina; JORGE, Ana M; SIMÕES, José A; CARDOSO, Daniel. *Crianças e internet em Portugal*. Coimbra: Minerva Coimbra. . 2012b

TURKLE, Sherry. *Life on screen: identity in the age of the Internet*. New York: Touchstone. 1995 [e-book]

*TIC Educação 2015* [livro eletrônico]: Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras. Alexandre F. Barbosa São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016.

*TIC Educação 2016* [livro eletrônico]: Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras. Alexandre F. Barbosa. São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2017.

*TIC Kids Online Brasil 2015* [livro eletrônico]: pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil. Coordenação executiva e editorial Alexandre F. Barbosa. 1. Ed. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016.

*TIC Kids Online Brasil 2016* [livro eletrônico]: pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil. Coordenação executiva e editorial Alexandre F. Barbosa. 1. Ed. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2017.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. IN: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná. *Juventude Rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 21-34.

### Sobre as autoras:

**Vanina Costa Dias** - Doutora em Psicologia pela PUC Minas com estágio doutoral na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa/ Portugal. Pós-Doutoranda em Psicologia no PPG em Psicologia da UFMG. Mestre em Educação pela PUC Minas. Graduada em Psicologia, com Especialização em Psicologia Educacional e Metodologia de Ensino. Integrante do Grupo de Investigação “Além da Tela: Psicanálise e Cultura Digital”, ligado ao Laboratório de Psicologia e Educação da UFMG. Foi professora na Faculdade de Educação da UEMG. Professora e coordenadora da Unidade de Atendimento Psicopedagógico na Faculdade Pedro Leopoldo, Professora no curso de pós-graduação em Psicopedagogia da UNI-BH. Coordenadora do Curso de Psicologia na Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas/MG E-mail: <vaninadias@gmail.com>.

**Nádia Laguárdia de Lima** – Professora adjunta do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFMG. Pós-doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ. Doutora em Educação pela UFMG. Mestre em Educação pela UFMG. Graduada em Psicologia pela UFMG. Coautora de vários livros. Autora do livro: *A escrita virtual na adolescência: uma leitura psicanalítica* (Ed. UFMG, 2014. Coleção Humanitas). Membro do Lepsi Minas. Participante do OCA (Observatório da Criança e do Adolescente – UFMG). Coordenadora do grupo de investigação: “Além da Tela: Psicanálise e Cultura Digital” (UFMG). E-mail: <nadia.laguardia@gmail.com>.